

TEATRO

***VEM COMIGO VER O RIO  
DESCER***

Antônio Roberto Gerin

02.07.2004

*Personagens*

Maria

Ricardo

Luciano

Homentor

Homem-duro

*CENÁRIO 1 - Exterior da casa. A casa, assentada no topo de uma colina, aproxima-se do estilo colonial, com seu telhado em quatro águas e os tijolos pintados de branco. Vê-se ao fundo um pequeno bosque de eucaliptos, e à direita, separado da casa, uma garagem e, contíguo a ela, um depósito. E descendo em declive acentuado, surge lá embaixo um rio, de águas largas e mansas. A casa é elevada em relação ao nível do terreno, por isso o acesso à sua varanda e, por conseguinte, à porta da sala se dar por uma escada de quatro degraus. O espaço em volta é ocupado por um gramado irregular, um tanto mal cuidado, podendo-se ver aqui e ali árvores, a maioria frutíferas.*

*CENÁRIO 2 - Sala. No frente, a porta de entrada; ao lado da porta, uma enorme janela que se abre de par em par; no lado direito em relação à entrada, um corredor que conduz aos quartos; ao fundo uma saída para a cozinha. O mobiliário é simples. Um sofá de dois lugares, um pequeno tapete surrado, um aparador, sobre o qual se vê um rádio antigo, duas cadeiras.*

*CENÁRIO 3 - Porão da casa. Assoalho suspenso, de tábua corrida, o madeirame em vigas atravessando de lado a lado, apoiadas em estacas de madeira, grossas e mal talhadas. Chão batido. Algumas caixas velhas, de madeira, em vários tamanhos. O único foco de luz, pouco, vem de uma abertura sob a escada da varanda. E a única forma de acesso à parte inferior da casa se dá por um alçapão, fechado por uma portinhola de madeira medindo 55x70cm, construído junto à parede oposta à porta de entrada da sala, bem junto à porta que dá acesso à cozinha.*

3  
ATO I

CENA I

RICARDO *(Porta da sala aberta. Ricardo à soleira, faz-se anunciar, batendo à porta.)* - Tem gente aí?

MARIA *(De fora.)* – Quem é...?

RICARDO Maria...?

MARIA *(Entra.)* - Em que posso ajudar?

RICARDO *(Percebendo que Maria não o reconhece. Fica indignado.)*  
- Não está me reconhecendo?

MARIA *(Espanto.)* - O que é que você está fazendo aqui?!

RICARDO *(Arfante e agitado, fecha a porta, trancando-a.)* - Não precisa ficar assustada! Nada de importante.

MARIA Então por que você trancou a porta?

RICARDO Eu preciso me esconder!

MARIA Eu não estou entendendo.

RICARDO Calma...! Não precisa ficar preocupada.

MARIA Como não me preocupar! Você trancou a porta!

RICARDO Confia em mim! Depois eu te explico.

MARIA *(Nervosa.)* - Explicar o que, Ricardo?

RICARDO Pô, Maria, dá pra você ficar calma! Eu estou pedindo. E é melhor não fazer perguntas. Na verdade, não aconteceu nada. É isso que eu quero que você entenda. Você não tem motivo nenhum pra ficar nervosa. Pra que ficar nervosa?! *(Olha em volta, depois para o chão.)*

MARIA Você é que está nervoso...

- RICARDO            Eu pensei que você fosse me receber de braços abertos. E não me tratar desse jeito, como se eu fosse um estranho.
- MARIA                Você some, não dá mais notícia, depois chega assim do nada, fazendo esse mistério todo, e ainda quer que eu te trate com naturalidade?...
- RICARDO            O que foi? Nem acabei de chegar e você já está me cobrando o passado?
- MARIA                Ricardo, o que é que está acontecendo?
- RICARDO            Eu não posso dizer. Nem adianta insistir. Só vim pedir um lugar pra me esconder. *(Olhando de perto o alçapão.)* É isso que eu estou procurando. O alçapão. *(Agacha-se, tenta arrancar o alçapão.)* Esse troço não sai mais não? *(Puxa, não consegue.)*
- MARIA                Dá licença... *(Maria retira o alçapão com certa facilidade.)* Pronto. Pode entrar.
- RICARDO            *(Inclina-se para conferir embaixo.)* - Não tem luz?
- MARIA                Nunca teve, e você sabe disso.
- RICARDO            *(Observando o interior.)* - Deve estar uma sujeira só!
- MARIA                Pra quem precisa se esconder, melhor não fazer exigências!
- RICARDO            Você está com raiva de mim?
- MARIA                Não!
- RICARDO            Tem certeza?
- MARIA                Você não vai descer?
- RICARDO            Calma! Eu estou pensando... Deixa eu pensar... Precisamos de alguma coisa pra esconder o alçapão.
- MARIA                Você está vindo de onde?
- RICARDO            *(Levanta-se.)* - Eu disse pra você não me fazer

perguntas.

- MARIA Por que não?
- RICARDO É mais uma pergunta?
- MARIA Por que eu não posso saber o que está acontecendo?
- RICARDO Por que é melhor você não saber de nada. Pra depois não ter aí o que falar.
- MARIA Você matou alguém?
- RICARDO *(Afasta-se, observa o alçapão.)* - Nós vamos ter que colocar um disfarce em cima dessa tampa.
- MARIA Você matou alguém, Ricardo?
- RICARDO *(Exalta-se.)* - E se eu tiver matado? Qual é o problema? *(Silêncio.)* Você tem alguma coisa pra colocar aqui em cima?
- MARIA Eu vou pegar um tapete.
- RICARDO Tapete não! Tem que ser alguma coisa pesada. Difícil de mover. Que ninguém pense em tirar do lugar. Se descobrem esse troço, me pegam! E sabe o que vai acontecer? *(Imita recebendo um tiro na cabeça.)* Entendeu? *(Vê o sofá. Ansioso.)* O sofá! Me ajude aqui... A gente coloca o sofá em cima do alçapão. E o aparador ali, no lugar do sofá.
- MARIA Primeiro você vai me contar o que está acontecendo!
- RICARDO Pode ficar tranqüila. Eu não matei ninguém. Olhe pra mim! Você acha que eu tenho cara de quem matou alguém? Você me conhece, sabe que eu não faria isso. Eu só não quero que você fique me fazendo perguntas. É pro seu bem. Pra eles não terem nada o que tirar de você! Por isso, ó!, nada de perguntinhas. Estamos combinados? Agora me ajude aqui. *(Empurra o sofá.)*
- MARIA *(Ajuda Ricardo.)* - Como é que eu vou poder te ajudar se você não me conta nada?

- RICARDO *(Exalta-se.)* – Eu quero que você me ajude a esconder esse troço! Só isso! Se você me ajudar a esconder bem o alçapão, os caras com certeza não vão me pegar!
- MARIA *(Espanto.)* - Que caras?!
- RICARDO Merda! Já falei demais! *(Afasta-se, para ver como ficou o sofá sobre o alçapão.)* Não ficou legal. O sofá ficou muito perto da porta. Eles vão desconfiar. Por que é que seu pai não fez esse buraco mais pra lá!?
- MARIA O aparador é menor.
- RICARDO *(Observa o aparador, inclinando-se.)* - Olha as pernas de troço. Muito altas! Vai dar pra ver o alçapão. *(Procura em volta outra solução.)* Merda!. Merda!
- MARIA Não adianta ficar resmungando. Vamos! Me ajude! Vamos ver como é que fica. *(Arrastam o sofá para o lugar original. Trazem o aparador.)* Vai! Força!
- RICARDO Esse troço é muito pesado. *(Irritado.)* Você só empurra! Deixa que eu ajeito. Rápido, Maria!
- MARIA Calma!
- RICARDO *(Pára de empurrar. Desespera-se.)* - Nem adianta. Dá pra ver tudo!
- MARIA A gente coloca o tapete.
- RICARDO Um tapete debaixo do aparador, Maria!? Fica esquisito.
- MARIA E daí? Quem é que vai pensar nisso?
- RICARDO Os caras estão acostumados a pensar em tudo! Eles vivem pra isso! *(Apressa-se.)* Não me pergunte de novo quem são os caras! Você não disse que quer me ajudar? Então...? Qual a próxima idéia?
- MARIA Vamos puxar o aparador de volta, pro lugar dele. *(Puxam o aparador.)* Devagar! Assim você me quebra os pés.
- RICARDO Se quebrar, eu pago!

MARIA Pelo jeito ficou rico também.

RICARDO Não é hora pra brincadeiras, Maria!

MARIA Você acha que eu estou com medo desses caras?

RICARDO Não vem me dar uma de espertinha, pelo amor de Deus!

MARIA Que espertinha...?

RICARDO Eu te conheço! Você adora ser (*Ênfase.*) a heroína. Só que estamos falando de uma coisa chamada política. No mundo da política não existem heróis. Só vítimas.

MARIA Você é uma vítima?

RICARDO Ainda não.

MARIA Se você está fugindo, você já é vítima.

RICARDO (*Irônico.*) - Nota dez, Maria! Nota dez! Que perspicácia!

MARIA Coloca o tapete aqui.

RICARDO Tapete não!

MARIA (*Incisiva.*) - Coloca. Eu estou pedindo! (*Sai.*)

RICARDO (*Contrariado, coloca o tapete. Vai até a janela, observa lá fora.*) - O que é que você vai fazer?

MARIA (*Volta, trazendo um criado mudo.*) - Aqui está.

RICARDO (*Indignado.*) - Mas isso é um criado-mudo!

MARIA Por isso mesmo. É mudo, não fala.

RICARDO O cara dá um chute, joga isso lá fora!

MARIA Esse cara é o quê? Um monstro?

RICARDO Filho do monstro! Melhor! Filho do diabo!

MARIA Se é assim, eu tenho a solução.

RICARDO Onde é que você vai?

MARIA Calminha. Já volto. *(Sai.)*

RICARDO *(Impaciente, vai até a janela. Maria volta com uma imagem de Santo Antônio. Indignado.)* Que merda é essa agora?

MARIA Um santo.

RICARDO Eu sei que é um santo.

MARIA Ele vai resolver o seu problema. Vai te defender dos filhos do diabo!

RICARDO Daqueles filhos da puta? Duvido!

MARIA *(Ajeita o santo sobre o criado-mudo.)* - Amanhã é dia de Santo Antônio. Treze de junho.

RICARDO *(Desespera-se.)* - Vai ter reza também?

MARIA Eu não rezo.

RICARDO Você não reza?

MARIA O espanto por quê? Eu não rezo

RICARDO Pra que então essa fé?

MARIA Os caras vão ter medo do santo. Não vão tocar no criado-mudo. *(Ricardo ri.)* Está duvidando?

RICARDO *(Pára de rir. Irritado.)* - Você conhece os caras? Você sabe do que eles são capazes? Eles adoram fazer duas coisas, Maria! Primeiro perguntam, depois matam. E você acha que eles vão ter medo de um santo?!

MARIA Você está querendo o quê? Me assustar?

RICARDO Você não pode estar falando sério...

MARIA Você tem alguma idéia melhor? *(Silêncio.)* Não tem. Então deixa eu fazer como eu quero. *(Segura de si.)* Eles não vão chutar o santo.

RICARDO            Está bem. Bota o santo aí!

MARIA              Pra eu botar o santo, você tem que descer.

RICARDO           Já vou, não precisa mandar! (*Pausa. Observa Maria.*) Eu nem olhei pra você ainda...!

MARIA              Olhar pra quê?

RICARDO           Pô, Maria. Faz tempo que a gente não se vê!

MARIA              Você não veio me ver porque não quis.

RICARDO           Pronto! Está com raiva.

MARIA              Eu só quero que você desça.

RICARDO           Você não mudou nada.

MARIA              O tempo pra mim não passou tão rápido.

RICARDO           E eu? Você acha que eu mudei?

MARIA              Não consigo imaginar você com essa barba.

RICARDO           Eu não estou falando do físico!

MARIA              Como é que eu vou saber?

RICARDO           Eu fui pra uma cidade grande, esqueceu?

MARIA              Você sabia que lá as coisas iam ser difíceis!

RICARDO           Eu tinha que ir! Ficar aqui fazendo o que, nesse fim de mundo? Fui atrás de coisa melhor!

MARIA              E teve que sair de lá fugido.

RICARDO           Fugido não! Perseguido. Caçado, feito um animal! Eu ainda sou daqueles caras, Maria, que defende o que pensa. Com unhas e dentes! Defendo mesmo! Eu não abro mão do que eu penso! Do que eu acho que é certo! Só que deu nisso que você está vendo!

MARIA                   Você se deu mal, não foi?

RICARDO               *(Silêncio.)* - Eu não queria envolver você nessa história.

MARIA                   Fique tranquilo. Eu não vou dizer pra eles que você está aqui.

RICARDO               Só quero que você saiba de uma coisa!

MARIA                   *(Incisiva, interrompe.)* - Eu não quero saber de nada. Quem não sabe não tem o que falar.

RICARDO               *(Pausa.)* - Assim que escurecer, eu vou embora.

MARIA                   Ainda são três horas da tarde.

RICARDO               Ótimo! Vou ter um bom tempo pra pensar no que fazer. Faz uma semana que eu estou na estrada, fugindo. Preciso me organizar. *(Exalta-se.)* Me pegar eles não vão não, Maria! Eles não vão conseguir o que eles querem!

MARIA                   Não é melhor você entrar, antes que eles cheguem?

RICARDO               Você não vai me perguntar por que eu nunca mais voltei?

MARIA                   Era minha próxima pergunta. Mas você me proibiu de perguntar.

RICARDO               *(Sentado, com as pernas no buraco.)* - Você sabe que eu não te prometi nada.

MARIA                   Sim, eu sei.

RICARDO               Eu nunca pedi pra você esperar por mim!

MARIA                   Você veio pra minha casa pra se esconder, Ricardo. Agora entra, vai.

RICARDO               Eu ainda não acabei de falar.

MARIA                   Vamos ter muito tempo pra conversar.

RICARDO               Eu estou parecendo aquele menino que beija a namoradinha e depois foge, não é?

- MARIA Esquece. (*Empurra-o com carinho.*) Entra.
- RICARDO (*Enfia-se no buraco.*) - Você não vai dizer nada não? Não vai reclamar? (*Afronta Maria.*) Vai, me pergunta logo por que é que eu sumi!
- MARIA O que está feito, está feito, Ricardo. Você deixou tudo pra trás, foi pra São Paulo, ficou importante, tão importante, que agora querem te matar.
- RICARDO Esse é o resumo da minha vida?
- MARIA Por enquanto é o que eu sei.
- RICARDO Você acha que eu não fiz nada nesse tempo todo?
- MARIA Talvez tenha se casado.
- RICARDO Não! Eu não me casei.
- MARIA Não se casou?
- RICARDO (*Certa impaciência.*) - Já disse que não.
- MARIA Mas teve filho.
- RICARDO Também não.
- MARIA Fez faculdade de quê?
- RICARDO Não tive tempo.
- MARIA Já sei! Chefe de almoxarifado!
- RICARDO (*Ofendido.*) - Está me achando com cara de quê, Maria? Eu não saí daqui por pouca coisa não! (*Pausa.*) Você sempre achou que eu tinha que ir embora.
- MARIA Mas não sozinho.
- RICARDO (*Desconcerta-se.*) - Eu quis vir te buscar. Não foi uma vez só não! Muitas! Mas eu não tinha como! Eu não quero me justificar, não é isso! Mas só que eu não tinha como te buscar. Pra quê? Pra te jogar no meio dos lobos?

MARIA *(Mágoa e ironia.)* - As suas cartas diziam isso?

RICARDO Eu não podia ficar te escrevendo!

MARIA Abaixa mais o corpo. Encosta na pilastra, é melhor. *(Encaixa a portinhola na abertura, puxa o tapete, com o criado-mudo. Silêncio. Ela fica parada uns instantes, olhando para baixo, como se ainda não acreditasse no que estava acontecendo.)* Você não precisa ir embora. Pode ficar aí o tempo que quiser.

RICARDO *(Tentando se acomodar.)* - O que foi que você disse?

MARIA Pode ficar aí até as coisas se acalmarem.

RICARDO Você não vai contar pra ninguém que eu estou aqui. Nem pra sua mãe!

MARIA Já faz cinco anos que mamãe morreu.

RICARDO *(Pausa.)* - Cinco anos...?!

MARIA *(Silêncio. Maria está inquieta, tensa, vai até a janela, volta.)*  
- Está tudo bem aí?

RICARDO *(Ainda incomodado.)* - Não consigo enxergar nada.

MARIA Você vai se acostumar.

RICARDO Isso aqui está uma sujeira só!

MARIA É o que eu tenho pra te oferecer.

RICARDO Não estou reclamando. *(Pausa.)* Melhor você ir lá fazer as suas coisas. Não quero atrapalhar.

MARIA Você não está atrapalhando.

RICARDO *(Silêncio.)* - Você não faz nada não? Não trabalha?

MARIA Sou enfermeira.

RICARDO Sério!?

MARIA Trabalho no turno da manhã. Na Santa Casa. *(Maria dá uma olhada através da janela. Volta a trancá-la.)*

RICARDO *(Irritado.)* - Droga!

MARIA O que foi?

RICARDO *(Bate as mãos.)* - Me sujei todo!

MARIA É terra. Tem que sujar mesmo. *(Pausa.)* Quer que eu pegue uma vela?

RICARDO Lanterna, tem?

MARIA Só toco de vela. *(Levemente irônica.)* Infelizmente.

RICARDO Melhor que nada, né?

MARIA Eu vou lá pegar.

RICARDO Um travesseiro, pode ser?

MARIA É muita folga, não acha não?

RICARDO E jornal pra forrar o chão?

MARIA Não tem.

RICARDO Você não lê jornal?

MARIA Não.

RICARDO Nem pra saber o que está acontecendo nessa merda de país?

MARIA Ninguém lê jornal por aqui. Era assim também na sua época, esqueceu? *(Sai, retorna com dois tocos de vela e fósforo. Retira todo o aparato de proteção, suspende o alçapão.)* Aqui as velas.

RICARDO *(Pega as velas. Acende uma.)* - Esse troço aqui embaixo está horrível! *(Observa.)*

MARIA *(Pausa.)* - O que é que nós vamos ficar fazendo, pra matar

o tempo, enquanto os caras não chegam?

- RICARDO Pô, Maria, você fala como se a chegada dos caras fosse a coisa mais natural do mundo!
- MARIA Mas eles não vão chegar?
- RICARDO Vão, Maria! Fungando! No meu cangote!
- MARIA Você já imaginou como é que vai ser?
- RICARDO *(Dando-se conta do que pode acontecer com Maria.)* – Vai ser o quê...?
- MARIA *(Imaginando, dramatiza.)* - Eles vão chegar, vão entrar por aquela porta, vão me perguntar... Não! *(Pausa. Suspira. Está tensa.)* Eles vão logo me agarrando! Eles não são fáceis, não é isso que você diz? Eles vão me agarrar, um dos caras vai me pegar pelos cabelos e vai perguntar onde você está. Eu não vou dizer! Ele vai me bater. Eu não vou dizer! Ele vai me matar. Eu não vou dizer!
- RICARDO *(Interrompe.)* - Conversa de mau gosto...
- MARIA Mas não é assim que vai acontecer?
- RICARDO É melhor você sair, ir pra outro lugar. Me deixa aqui sozinho!
- MARIA Qual a diferença? Eles não vão saber que você está aí embaixo.
- RICARDO Mas você vai estar aí em cima! *(Pausa.)* Eles sabem quem você é.
- MARIA *(Preocupada.)* - Você falou de mim pra eles?
- RICARDO *(Defende-se.)* - Não.
- MARIA Então como é que eles sabem quem eu sou?
- RICARDO Pra eles nada é difícil.
- MARIA Como, se eu nunca saí daqui? Pouca gente sabe que eu

existo.

- RICARDO O que foi que nós combinamos? Que você não faria perguntas! *(Silêncio. Incomoda-se com a posição.)* Droga! Você não vai pegar alguma coisa pra eu me deitar?
- MARIA Vou buscar um lençol.
- RICARDO Travesseiro também.
- MARIA Vou pensar no seu caso. Cuidado com a vela! *(Vai ao quarto, ouve-se porta de guarda-roupa rangendo, retorna com um lençol escuro. Ela mesma abre o lençol, há um enorme remendo no meio, depois ajuda Ricardo a estender no chão.)* Me dê aqui essa vela. Eu seguro, enquanto você se ajeita. *(Ele entrega a vela, ela observa-o se acomodar.)* Que dificuldade é essa, Ricardo...? Puxa a ponta do lençol mais pra lá! Eles não ensinaram a você os procedimentos básicos de sobrevivência na selva?
- RICARDO *(Reage, rude.)* - Do que é que você está falando?
- MARIA *(Assusta-se com a reação de Ricardo.)* - Que foi?
- RICARDO O que é que você sabe de mim?
- MARIA Nada.
- RICARDO *(Impositivo.)* - Fala!
- MARIA Eu não sei de nada, Ricardo!
- RICARDO Sabe sim!
- MARIA O que é que eu tenho que saber?
- RICARDO *(Reprendendo-a.)* – Maria! Isso é muito sério!
- MARIA Às vezes eu ia à casa da sua tia, saber notícias suas.
- RICARDO E o que é que ela dizia?
- MARIA Eu só queria saber como é que você estava.

- RICARDO *(Enfático.)* - O que é que ela dizia, Maria!?
- MARIA Que você estava trabalhando numa fábrica de peças de carro.
- RICARDO *(Nervoso.)* - Só isso?
- MARIA *(Dura.)* - Por que é que você sumiu, Ricardo? Custava você ter-me mandado uma carta. De vez em quando. Nem que fosse pra dizer que ainda estava vivo! Nem que fosse pra me dizer que você não queria mais saber de mim! Eu ia entender!
- RICARDO E quem disse que eu não queria mais saber do você? Quem foi que disse? *(Assusta-se. Pára.)* Está ouvindo?!
- MARIA *(Pára. Assusta-se.)* - Quê?
- RICARDO Barulho de motor! Eles estão chegando! Não fica aí parada! Vai! Você fechou a janela?
- MARIA *(Nervosa.)* - Fechei.
- RICARDO E a porta?
- MARIA Você trancou.
- RICARDO Isso vai dar muito na cara! Tudo trancado! Eles vão desconfiar!
- MARIA E agora?
- RICARDO *(Tentando colocar o alçapão.)* - Me ajude aqui com o alçapão.
- MARIA *(Fecha o alçapão, empurra o tapete com o criado-mudo.)* - Eu vou abrir a janela!
- RICARDO Não faça isso, pelo amor de Deus! Agora é tarde!
- MARIA *(Sai para a cozinha, volta, ajeita melhor o criado-mudo, sai de novo, demora um pouco, volta.)* - É o Luciano!
- RICARDO Quem é Luciano?

MARIA            Meu marido!

RICARDO        *(Desconcerta-se.) - Você se casou, Maria?!*

MARIA            *(Nervosa.) - Apaga a vela! Rápido! (Ouve-se batida de porta de carro. Sai apressada, Ricardo apaga a vela. Silêncio.)*

**Futuramente a Cia de Teatro Assisto Porque Gosto disponibilizará os textos completos para quem solicitar.**